

REFLEXÕES ACERCA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO CONTEXTO ESCOLAR: AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PAUTA

Claudineia dos Reis Gonçalves

Cleber Cezar da Silva

DOI: <https://www.doi.org/10.29327/5365398.2-3>

RESUMO

O presente trabalho abarca um tema polêmico, porém reflexivo e necessário discorrer, que busca revelar o preconceito existente entre o ensino da linguagem formal e o ensino da língua pautado nos aportes da sociolinguística. O artigo discute o papel da escola, do professor e dos livros didáticos acerca da problemática: O preconceito linguístico frente ao processo ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa. O levantamento teórico foi realizado por meio dos portais: Google Acadêmico; Proletras; SciELO e dos repositórios das seguintes universidades: Universidade Federal de Goiás - UFG, Universidade Federal do Pará - UFPA, Universidade Federal do Amazonas – UFAM e Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, a fim de elencar os resultados que diferentes pesquisas sobre o tema têm demonstrado com suas análises e apontamentos. E para montar a proposta crítico-reflexiva deste trabalho, optou-se por um estudo realizado sobre o tratamento da desconstrução do preconceito linguístico, sobre as contribuições do livro didático para se trabalhar tal problemática em sala de aula e que endossasse a pesquisa dentro do campo da sociolinguística. Dessa forma, traria questões inerentes aos materiais de Língua Portuguesa, bem como a formação e o exercício docente, neste contexto, com o propósito de, mais uma vez, analisar as contribuições do livro didático para se trabalhar o preconceito linguístico em sala de aula. Conclui-se, por meio da análise dos materiais e atividades, que não há trabalho sobre a desconstrução do preconceito linguístico, fator preocupante, visto a importância destes suportes como ferramenta pedagógica para todo o processo de ensino.

Palavras-chave: Preconceito linguístico; Livro didático; Prática docente; Variação linguística.

RESUMEN

El presente trabajo aborda un tema controvertido pero reflexivo, que busca develar el prejuicio existente entre la enseñanza formal de lenguas y la enseñanza de lenguas a partir de los aportes de la sociolingüística. El capítulo discute el papel de la escuela, del profesor y de los libros de texto frente al problema: El prejuicio lingüístico contra el proceso de enseñanza-aprendizaje en las clases de Lengua Portuguesa. El levantamiento teórico se realizó a través de los portales: Google Scholar; maestros; SciELO y repositorios de las siguientes universidades: Universidade Federal de Goiás - UFG, Universidade Federal do Pará - UFPA, Universidade Federal do Amazonas - UFAM y Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, con el fin de enumerar la realidad de lo que diferentes investigaciones sobre el tema han demostrado con sus análisis y apuntes. Y para configurar la propuesta crítico-reflexiva de este trabajo, se optó por un estudio realizado sobre el tratamiento de la deconstrucción del prejuicio lingüístico, que analizó las aportaciones del libro de texto para trabajar esta problemática en el aula y que avaló un estudio dentro del campo de la sociolingüística, ya que esto plantearía cuestiones inherentes a los materiales de lengua portuguesa, así como a la formación y práctica docente en este contexto, con el objetivo de analizar las contribuciones del libro de texto para trabajar con prejuicios lingüísticos en el aula. Se concluye a través del análisis de los materiales y actividades que no se trabaja con la deconstrucción del prejuicio lingüístico, factor preocupante, dada la importancia de sustentar este instrumento como herramienta pedagógica de ayuda en todo el proceso de enseñanza.

Palabras clave: Prejuicio lingüístico; Libro de texto; Práctica docente; Variación lingüística.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho partiu da relevância e do aprofundamento das discussões realizadas acerca da problemática - Preconceito Lingüístico e suas consequências para a vida em sociedade. Logo, compreender o papel da escola, do professor e dos instrumentos, que envolvem o processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessário, porém o objetivo aqui não é um aprofundamento teórico sobre documentos norteadores ou sobre a prática docente, mas sim buscar conhecer a realidade do que diferentes pesquisas sobre o tema têm demonstrado com suas análises e apontamentos.

Para essa pesquisa, fez-se um levantamento teórico nos portais:

Google Acadêmico; Profletras; SciELO e nos repositórios das seguintes universidades: Universidade Federal de Goiás - UFG, Universidade Federal do Pará - UFPA, Universidade Federal do Amazonas – UFAM e Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, a fim de elencar pesquisas que trouxessem como palavras-chave: “preconceito linguístico”; “livro didático”; “prática docente”, “variação linguística” e que também essas pesquisas endossassem suas análises dentro do campo da sociolinguística, pois assim, elas trariam questões inerentes aos materiais de Língua Portuguesa, bem como a formação e o exercício docente. E para montar a proposta crítico-reflexiva deste trabalho, optou-se por um estudo realizado sobre o tratamento da desconstrução do preconceito linguístico, que analisou as contribuições do livro didático para se trabalhar tal problemática em sala de aula.

Partindo do pressuposto que o ambiente escolar é um local de arquitetura do conhecimento e da promoção da empatia e da criticidade do sujeito, o professor necessita oportunizar ações pedagógicas que levem os escolares a serem sujeitos do respeito, do acolhimento, do diálogo e do convívio harmônico com a diversidade.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ainda em relação à diversidade, “cabe dizer que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira”.

Complementando esse dado, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC ainda deixa claro, por meio de uma das suas diretrizes, a necessidade de se considerar toda a diversidade do nosso país, em especial, aqui, a diversidade linguística:

Da mesma maneira, imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a

um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente. [...]. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira. No Brasil com a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, oficializou-se também a Língua Brasileira de Sinais (Libras), tornando possível, em âmbito nacional, realizar discussões relacionadas à necessidade do respeito às particularidades linguísticas da comunidade surda e do uso dessa língua nos ambientes escolares. Assim, é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico. Por outro lado, existem muitas línguas ameaçadas de extinção no país e no mundo, o que nos chama a atenção para a correlação entre repertórios culturais e linguísticos, pois o desaparecimento de uma língua impacta significativamente a cultura (BRASIL, 2016, p. 70).

Em reflexão à diretriz exposta, veremos alguns registros da pesquisa sobre a coleção Português: uma proposta para o letramento, selecionada como *corpus* para este artigo, que se referem à análise dos materiais didáticos, seus conteúdos e abordagens.

Estudos recentes no campo da linguagem apontam para a necessidade de um trabalho reflexivo e inovador no ensino da língua materna, sobretudo com vistas para a desconstrução do preconceito linguístico, pois “frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitude; a escola precisa cuidar para que não se reproduza, em seu espaço, a discriminação linguística” (BRASIL, 1998, p. 82) e para isso, espera-se poder contar com o livro didático.

O livro didático é um instrumento norteador de ensino e é uma ferramenta que muito auxilia o professor no processo de ensino-

-aprendizagem. É por meio do livro didático que a ponte entre as diretrizes dos documentos norteadores da educação é consolidada pelo professor. Segundo Soares (2002, p. 3), até os anos 60, eram poucos os livros didáticos oferecidos no mercado. Em consequência da grande expansão do número de escolas, cresce a quantidade de alunos, professores e consumidores de livros didáticos, multiplicam-se os editores e os exemplares.

Falar de políticas que envolvem o processo de elaboração, escolha, aplicabilidade e acesso dos livros didáticos requer um olhar mais minucioso. Para a abordagem deste trabalho, não será tratado o uso por si só desta ferramenta, mas o diálogo dos professores com os alunos a respeito do preconceito linguístico e das metodologias de ensino.

METODOLOGIA

A análise realizada sobre a coleção de livros didáticos, apresentará alguns resultados sobre as atividades do uso da Língua Portuguesa, bem como suas variações.

O *corpus* da pesquisa em questão, se compõe de quatro livros da coleção **Português: uma proposta para o letramento** de Magda Soares (2002), destinados aos 3º e 4º ciclos do ensino fundamental (6º, 7º, 8º e 9º anos), que foi aprovada pelo MEC – PNLD/2008 (SILVA, 2010, p. 52).

O Manual do Professor que acompanha a coleção, e está intitulado para uso exclusivo do professor, está dividido em três partes: “Fundamentos da Coleção” e “Áreas e Atividades de Aprendizagem” e “Sugestões bibliográficas”. Na primeira, apresenta sua concepção de educação e sua fundamentação teórica. Na segunda, explica como o livro foi organizado, apresenta os objetivos de cada área em que se distribuem as atividades. A última parte é formada por sugestões bibliográficas. As orientações e sugestões para o professor são apresentadas, segundo a autora, página a

página dos livros, a fim de que a interação autor-leitor ocorra no momento em que as atividades de ensino e de aprendizagem são propostas.

Para a análise da coleção *corpus*, a área que nos interessa e que aborda a variação linguística, intitula-se “Reflexão sobre a Língua”. Nesta parte das obras é que se ressalta que o ensino de português é visto, fundamentalmente, como uma proposta para o letramento, isto é, uma proposta de desenvolvimento e aperfeiçoamento de práticas sociais de interação discursiva, orais e escritas (BRASIL, 2016).

Logo, ao analisar a supracitada seção, é possível perceber de maneira clara que as obras sugerem que as atividades se mostrarão necessárias ou pertinentes a partir de problemas identificados nos textos orais ou escritos produzidos pelos alunos, e que não podem ser previstas num livro didático. Ou seja, a parte que contempla a variação linguística e, conseqüentemente, o preconceito linguístico partirá das produções dos alunos e com isso, o professor deverá dar continuidade ao conteúdo. Sendo assim, busca-se levar os alunos a uma observação e análise de aspectos que têm relação estreita com o uso da língua – oral ou escrita, portanto, a escrita e a fala são representações da língua, são formas de representar todo o sistema linguístico, são práticas discursivas e não uma representando a outra (MARCUSCHI, 2001).

No levantamento da coleção em análise, verificou-se que só em duas atividades da seção “Reflexão sobre a Língua”, a autora aborda o tema variação linguística e, como acontece nos livros anteriores da mesma coleção, estas atividades abordam apenas alguns tipos de variação, neste caso a diacrônica e a diafásica, como forma de incentivar a desconstrução do preconceito linguístico. Mas sabemos que é urgente que as atividades incluam todas os tipos de variação e o máximo possível de manifestações linguísticas. Visto que é

[...] imprescindível os professores se sensibilizarem

quanto ao fato de que não há uma variedade linguística superior, esclarecendo que todas são legítimas e que as avaliações feitas sobre cada uma delas estão atreladas a aspectos exclusivamente sociais, geográficos e/ou econômicos. Em decorrência da estratificação das sociedades em grupos separados socioeconomicamente, as variedades linguísticas faladas por grupos diferentes acabam agregando valores que vão muito além do aspecto linguístico (HORTA, 2016, p. 610-625).

Com isso, observou-se que a preocupação em fornecer contextos para uma discussão em sala de aula sobre, por exemplo, modalidades mais prestigiadas, variação regional, dialetos estereotipados, o abismo entre língua falada x língua escrita, e todos os fatores que contribuem para a permanência do preconceito linguístico em sociedade, ainda merecem uma atenção especial por parte dos editores dos livros didáticos.

Vejam os que a pesquisa e análise da coletânea apurou em relação às atividades sobre variação linguística de modo geral, lembrando que juntas elas contemplam todo o Ensino Fundamental II.

Quadro 1 - Atividades que apresentam o tema variação linguística

Livros	Atividades que apresentam o tema variação linguística em relação ao total de atividades da área em análise.
I	1 de 11
II	1 de 11
III	2 de 13
IV	2 de 09
	Total 6 de 44

Fonte: Adaptado do tratamento da desconstrução do preconceito linguístico no livro didático de português. Dados de análise do livro: “Português: uma proposta para o letramento” (SILVA, 2010, p. 84).

Verificou-se por meio da análise feita por Silva (2010, p. 84), que em um total de 44 (quarenta e quatro) atividades propostas na área Reflexão

sobre a Língua, o tema variação linguística aparece em 6 (seis) delas, e não há nenhuma presença, nessas atividades, do trabalho com a desconstrução do preconceito linguístico. Fator esse preocupante visto a importância do suporte deste instrumento auxiliar o professor em todo o processo de ensino. Preocupação essa que é relevante e requer uma reflexão, pois para Bagno (1999)

[...] para romper o círculo vicioso do preconceito linguístico no ponto em que temos mais poder para atacá-lo — a prática de ensino —, precisamos rever toda uma série de “velhas opiniões formadas” que ainda dominam nossa maneira de ver nosso próprio trabalho (BAGNO, 1999, p. 108).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O português brasileiro é uma língua carregada de variações linguísticas em funções sociais e regionais, fatores que influenciam diretamente no modo do uso da língua. O preconceito linguístico é um mal presente e persistente na sociedade, mas é, no contexto escolar, que ele é mais observável, pois o indivíduo passa a conviver com culturas distintas e grupos sociais diversos e cabe ao professor evitar que ele se perpetue.

Não podemos ser ingênuos a ponto de pensar que a escola e o livro didático vão acabar com o preconceito linguístico, ainda hoje tão presente em nossa cultura, mas certamente esse é o primeiro passo para mitigá-lo e ao se promover um ensino da língua materna pluralizado e democrático na perspectiva de desconstruí-lo.

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida à confusão que foi criada, no curso de história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua. A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é

a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo resto da língua – afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia gerada pelo preconceito linguístico. (BAGNO, 2006, p. 9).

Este trabalho abarca um tema polêmico, porém reflexivo, que buscou revelar o preconceito existente entre o ensino da linguagem formal e o ensino da língua pautado nos aportes da sociolinguística. Portanto, poderá ser subsídio para outras pesquisas e trabalhos relacionados ao assunto, bem como provocar os profissionais da área a inserir novas formas de abordar e trabalhar a corrente da diversidade cultural e os dialetos dentro das aulas de língua portuguesa das escolas brasileiras.

A inquietação em pesquisar esse tema partiu do princípio de que o ensino da Língua Portuguesa ainda tem sido trabalhado de forma mecânica, privilegiando ainda o ensino da gramática. Em resumo é como se a gramática fosse a fonte do corpo social.

Se os falantes se subordinam à gramática da língua, para se fazerem entender socialmente, não deixam, contudo, de comandá-la, já que são eles que decidem o que fica e o que entra de novo e de diferente (ANTUNES, 2003, p. 89).

Perpetuando dessa forma, o preconceito linguístico, um problema de algumas ações promovidas pelas escolas e profissionais que nelas atuam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito linguístico continua sendo uma realidade muito presente no contexto escolar, seja ele por meio das vozes ausentes das culturas minoritárias, seja por que os livros didáticos não mencionam de modo claro tais preconceitos como deveriam e, até mesmo, através da

metodologia sintetizada que o professor utiliza, impossibilitando o aprofundamento de estudos no campo da diversidade cultural. Afinal o livro didático é tido como ferramenta norteadora do ensino.

O preconceito linguístico só será combatido se houver um vasto trabalho, sobretudo contra as formas de discriminação das línguas existentes. “É necessário que o professor da Educação Básica assuma uma postura política ao tratar dessas questões” (BAGNO, 2008, p. 11). Tal atividade requer, de maneira peculiar, que a escola e todos os profissionais envolvidos no processo ensino-aprendizagem tenham conhecimento tipos e formas de discriminação e ações positivas a favor da causa, pois o desenvolvimento do indivíduo, isto é, o caráter de formação para o exercício da cidadania, do sujeito crítico e formador de opinião que respeita e compreende o espaço do outro, do seu contexto, sua história e origem começa no ambiente escolar, portanto, essa responsabilidade não pode e não deve ser tratada apenas como uma atribuição do professor de Língua Portuguesa.

O docente de Língua Portuguesa lida sim com muitas possibilidades e diversidades da linguagem, ele oportuniza a discussão em sala de aula acerca da temática, seja ela trazida no livro didático ou não, mas ele precisa inicialmente se desconstruir dos parâmetros que a sociedade e a gramática trazem como princípio, a fim de proporcionar um ambiente de aprendizado linguístico democrático.

A política do livro didático precisa ser fidedigna quanto as diretrizes do documento de caráter normativo que orienta o trabalho da diversidade cultural em todas as esferas. Para que não haja apoio aos preconceitos linguísticos, faz-se necessário que os materiais didáticos contemplem o estudo das variações linguísticas, bem como a reflexão contínua do exercício docente sobre a prática exercida.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico.** São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 40. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BAGNO, M. Preconceito Linguístico. **Revista Presença Pedagógica**, v. 14, n. 79, jan./fev. 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental.** Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Ministério da Educação, 2016.

HORTA, B. D. Sociolinguística em sala de aula: visão e postura docente ante as variedades desprestigiadas do português. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 23, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num23/dossie/palimpsesto23dos sie09.pdf>. Acesso em: 23 de dez. de 2022.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, P. R. G. da. **O tratamento da desconstrução do preconceito linguístico no livro didático de português.** 2010. 93f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife 2010.

SOARES, M. B. **Português: uma proposta para o letramento.** São Paulo: Moderna, 2002. 7 v. em 2, 3, 4 e 5.

SOBRE OS AUTORES

Claudínea dos Reis Gonçalves

Possui graduação em Normal Superior pela Universidade Federal de Goiás (2006). Especialização em Linguística Aplicada à Língua e à Literatura (2016). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Goiano - Campus Urutá - Goiás (2022). É gestora educacional em instituição de ensino privada, iniciou sua carreira docente em 2005. Atua na área da Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental II e Ensino Médio desde

2010. Servidora Pública Efetiva (2015). Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. Habilidades em liderança de projetos educacionais, planejamento escolar, gestão de pessoas e políticas internas do campo educacional.

E-mail para contato: prof_claureis@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1918354659303348>

Cleber Cezar da Silva

Possui graduação em Normal Superior pela Universidade Federal de Goiás (2006). Especialização em Linguística Aplicada à Língua e à Literatura (2016). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Goiano - Campus Urutaí - Goiás (2022). É gestora educacional em instituição de ensino privada, iniciou sua carreira docente em 2005. Atua na área da Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental II e Ensino Médio desde 2010. Servidora Pública Efetiva (2015). Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. Habilidades em liderança de projetos educacionais, planejamento escolar, gestão de pessoas e políticas internas do campo educacional.

E-mail para contato: cleber.silva@ifgoiano.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6785390145821148>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0114-3666>